



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

SAÚDE E AMBIENTE

ISSN IMPRESSO 2316-3313

E - ISSN 2316-3798

DOI - 10.17564/2316-3798.2017v5n3p27-36

HIBRIDIZAÇÃO SOCIOESPACIAL: O ESTUDO DE CASO DOS ACAMPADOS NA FAZENDA SÃO JOÃO — ITAPORANGA D'AJUDA — SERGIPE

SOCIO-SPATIAL HYBRIDIZATION: THE CASE STUDY OF THE CAMPERS AT THE SÃO JOÃO FARM - ITAPORANGA D'AJUDA — SERGIPE

HIBRIDACIÓN SOCIOESPACIAL: EL ESTUDIO DE CASO DE LOS ACAMPADOS EN LA GRANJA SÃO JOÃO EN ITAPORANGA D'AJUDA - SERGIPE

Haiane Pessoa da Silva¹
Núbia Dias dos Santos³

Maria José Nascimento Soares²

RESUMO

A formação dos acampamentos rurais representa a mobilização dos trabalhadores do campo e da cidade em prol de uma política de assentamento que possibilite a manutenção e/ou o retorno das famílias para o campo. No entanto, o processo para se tornar assentado tem se perpetuado por longos anos, fazendo com que os sujeitos acampados adotem estratégias de rotatividade entre suas casas e o acampamento, a fim de manterem acampadas. Neste sentido, o presente artigo objetiva descrever o processo de hibridização socioespacial desenvol-

vido pelos sujeitos acampados na fazenda São João em Itaporanga D'Ajuda-SE. Para tanto, utilizou como lócus os três acampamentos rurais: Coluna Prestes, João Pedro Teixeira e Apolônio de Carvalho, formados em uma parcela da Fazenda São João. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, observação direta e aplicação de entrevista semiestruturada com os acampados. Posteriormente as falas foram categorizadas segundo a análise de conteúdo de Bardin e apresentadas no decorrer do texto. Concluímos que, os acampados são sujei-

tos híbridos de direito e de fato, pois apresentam características trabalhistas, de identificação e de moradia ora do meio rural ora do meio urbano.

ABSTRACT

The formation of the rural campers represents the mobilization of workers in encampment and cities in favor of a settlement policy that may allow the maintenance and / or the return of the families to the countryside. However, the process to become settled turns to perpetuate for long years, by shaping the persons in the camps to adopt strategies of shifting rotation between their homes and the camp in order to stay in campsite. In this sense, the present article aims to describe the process of socio-spatial hybridization developed by the camper on the São João farm in Itaporanga D'Ajuda-SE. As for, three rural settlements were examined: Coluna Prestes, João Pedro Teixeira and Apolônio de Carvalho, formed in a por-

RESUMEN

La formación de los asentamientos rurales es la movilización de los trabajadores del campo y de la ciudad a favor de una política de asentamientos que permite el mantenimiento y/o el regreso de las familias al campo. Sin embargo, el proceso para convertirse asentado se perpetúa desde hace muchos años, motivando los sujetos acampados a adoptar estrategias de rotación entre sus casas y el campo con el fin de permanecer acampado. En este sentido, este artículo tiene como objetivo describir el proceso de hibridación socioespacial desarrollado por objeto acampada junto a la granja de São João en Itaporanga D'Ajuda SE. Por lo tanto, se utilizó como lugar tres asentamientos rurales: Coluna Prestes, João Pedro Teixeira y Apolônio de Carvalho, formados

PALAVRAS-CHAVE

Sujeito Social, Campo-Cidade, Acampamentos rurais.

tion of Farm São João. The methodology used was bibliographical review, direct observation and application of a semi-structured interview with the campers. Subsequently the descriptions were categorized according to the content analysis of Bardin and presented in the sequence of the transcript. We conclude that the peasants are hybrids persons of rights and of reality, since they present laborer characteristics, of their identification and dwelling, sometimes in the rural environment, or in urban environment.

KEYWORDS

Social person, Countryside-City, Rural camping.

sobre una porción de la Granja São João. La metodología utilizada fue la revisión de la literatura, la observación directa y la aplicación de la entrevista semiestructurada con los campistas. Más tarde, las líneas se clasifican de acuerdo con el análisis de contenido de Bardin y se presenta en todo el texto. Llegamos a la conclusión de que los campistas son sujetos híbridos de derecho y de hecho, presentan las características del trabajo, la identificación y la vivienda ora del entorno urbano, ora del rural.

PALABRAS CLAVE

Sujeito social, Rural-urbana, Asentamiento rural.

1 INTRODUÇÃO

A origem da palavra acampamento denota a ideia de fluidez, uma vez que a sua etimologia deriva do latim *campus*, o que significa “área cercada” por obstáculos naturais como bosques e colinas para contemplação momentânea da paisagem (TILLQUIST, 2013). Não diferente disto, os acampamentos rurais oriundos dos movimentos sociais do campo foram criados em prol da justa distribuição de terras e igualdade social. Assim, o acampamento rural constitui-se em uma “área ocupada por famílias sem terra que aguardam ser assentadas” (INCRA, 2014, p. 1).

Em princípio essa organização social pretende manter as famílias vivendo em condições de agricultores por um tempo indeterminado, aguardando, portanto, a concretização da Política Nacional de Reforma Agrária (PNRA) (INCRA, 2014). Embora essa política tenha como objetivo principal a democratização do acesso à terra, apesar de não preconizar o tempo máximo de instauração dos acampamentos.

Deste modo, ao longo dos anos os organizadores dos movimentos sociais vêm tentando desenvolver estratégias para que um maior número de famílias se agregue ao acampamento. E, entre as articulações desenvolvidas a obrigatoriedade de se manter no acampamento por no mínimo três dias semanais se caracteriza como a alternativa mais atraente, eis que não há a exigência de morar no local. Desta forma, as famílias acampadas desenvolvem itinerários semanais intermunicipais, as quais apresentam hábitos ora da população urbana, ora da rural, o que os identificam como sujeitos híbridos socioespaciais.

A socioespacialização é o processo de territorialização no espaço que apresenta as condições socioeconômicas e a localização da população no ambiente físico. Considerando que a história de formação da população brasileira desencadeou a miscigenação étnica e a desigualdade de classe, a hibridação é um termo que abarca os aspectos socioambientais, utilizando para além dos estudos culturais, as teorias sociais, seus trajetos e manifestações (SOUZA, 2014).

Para efeitos desta análise a hibridização consiste em um processo de construção identitária do sujeito, em que ela pode ser percebida, ressignificada ou reconstruída, num jogo constante de assimilação e diferenciação para com a sua função social (SOUSA, 2012).

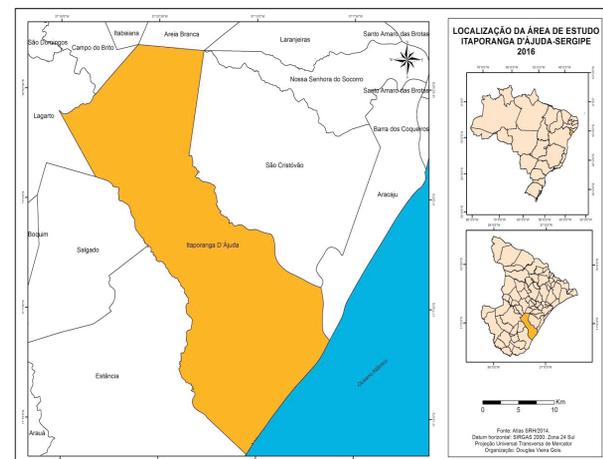
Posto isto, este artigo tem como objetivo descrever o processo de hibridização social desenvolvido pelos sujeitos acampados na fazenda São João em Itaporanga D’Ajuda-SE. Assim, a sua organização se divide em introdução, metodologia, descrição dos resultados alcançados e discussões, e considerações finais.

2 METODOLOGIA

2.1 ÁREA DE ESTUDO

O município de Itaporanga D’Ajuda está localizado na região centro sul de Sergipe, limitando-se ao sul com os municípios de Estância, a oeste com Salgado, Lagarto e Campo do Brito, ao norte com Areia Branca e Laranjeiras, e, a leste com São Cristóvão e o Oceano Atlântico (SERGIPE, 2002).

Figura 1 – Localização geográfica de Itaporanga D’Ajuda/ SE



Fonte: Gois (2016).

Os acampamentos Coluna Prestes, João Pedro Teixeira e Apolônio de Carvalho, foram formados em um fragmento de 300 tarefas da fazenda São João, situada no povoado Água Bonita.

2.2 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

O presente artigo apresenta os resultados parciais obtidos na pesquisa de mestrado no ano de 2015, na qual foi realizada a revisão bibliográfica e o trabalho de campo. Trata-se de um estudo descritivo, com natureza quanti-qualitativa.

A coleta de dados primários se deu por meio de sete visitas aos três acampamentos rurais. Neste cenário foram entrevistados 56 representantes das 132 famílias acampadas, após a definição de critérios de inclusão e exclusão, atingindo assim 50% da população total de cada acampamento, como demonstrado no Quadro 1.

O critério de seleção dos entrevistados foi do tipo não probabilístico intencional, uma vez que foram estabelecidos critérios como: atender a uma porcentagem representativa de pessoas acampadas, entrevistar os acampados mais antigos de cada acampamento e atingir o ponto de saturação das respostas.

As entrevistas foram iniciadas pelos coordenadores locais do acampamento, identificados como informantes-chaves, os quais indicaram os representantes que atendiam aos critérios como: a) Estar acampado a mais tempo naquela localidade, levando em consideração o tempo de formação de cada acampamento; b) ter mais de 18 anos; e, c) assinar o Termo de Consentimento Livre

Esclarecido (TCLE), respeitando-se as especificações do comitê de ética em pesquisa (Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde - CNS). A pesquisa foi aprovada sob o parecer número 1.371.073.

Para aumentar a confiabilidade da amostra, ainda foi aplicada a técnica conhecida como *Snowball* (bola de neve). Essa técnica consiste em iniciar a amostra com um sujeito que indica o outro para participar do estudo, e assim sucessivamente, formando uma cadeia de informantes, até que seja alcançado o objetivo proposto: o “ponto de saturação” (BALDIN; MUNHOZ, 2001).

A análise das entrevistas se deu por meio da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2006), a qual consiste em fazer uma averiguação detalhada de todo material textual coletado, fazendo a codificação, a classificação e a categorização das falas. Em seguida foi realizada a interpretação inferencial e apresentação dos resultados, utilizando-se da análise reflexiva e crítica. Para tanto adotou-se a modalidade de análise de conteúdo denominada categorial das análises temáticas, passo este que revela as representações sociais estabelecidas a partir dos elementos constitutivos ou seja, das realidades vivenciadas (BARDIN, 2006).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 PERFIL DAS FAMÍLIAS ACAMPADAS ENTREVISTADAS

Os acampados entrevistados apresentam idades que variam de 25 a mais de 75 anos, sendo que a maior parte

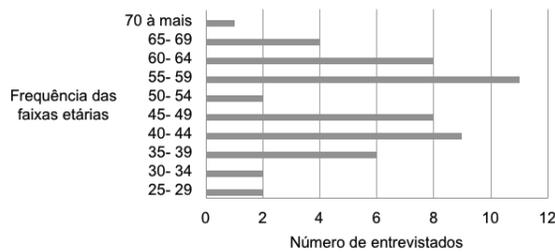
Quadro 1 – Seleção da amostra dos entrevistados acampados na fazenda São João em Itaporanga D’Ajuda-SE, 2015

<i>Nome do acampamento</i>	<i>Total de famílias no acampamento</i>	<i>Tempo de formação do acampamento</i>	<i>Tempo em que está acampado no local</i>	<i>Total de representante</i>
<i>João Pedro Teixeira</i>	40	4 anos	3 a 4 anos	20
<i>Coluna Prestes</i>	36	14 anos	5 a +10 anos	15
<i>Apolônio de Carvalho</i>	56	4 anos	3 a 4 anos	21

Fonte: Informação concedida pelos Coordenadores dos acampamentos, 2015.

dos entrevistados possuem entre 55 e 59 anos (FIGURA 2). A variação por faixa etária levou-se em consideração o modelo definido pelo IBGE que é a cada 4 (quatro) anos.

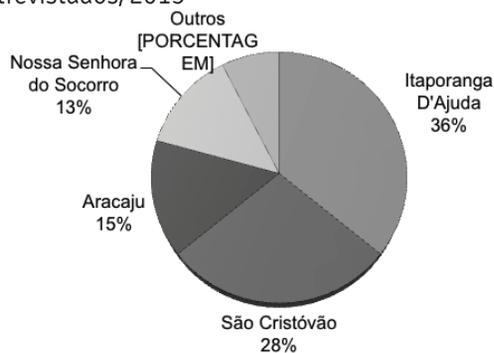
Figura 2 – Frequência das faixas etárias dos acampados entrevistados/2015



Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao sexo percebe-se que há um equilíbrio entre o masculino e o feminino (sendo entrevistados 22 mulheres e 23 homens). Dos entrevistados 72% possuem residência própria, seja ela em Itaporanga D’Ajuda ou nos municípios próximos como: Nossa Senhora do Socorro, Aracaju e São Cristóvão. Ainda é possível encontrar uma porcentagem pequena de moradores provenientes de outras cidades como: Lagarto, Malhador, Itabaiana e Carira. Entre os municípios circunvizinhos, São Cristóvão é o que apresenta maior número de pessoas nos acampamentos com 28% como ilustrado na Figura 3.

Figura 3 – Municípios de residência dos acampados entrevistados/2015



Fonte: Dados da pesquisa.

Vale ressaltar que, entre as famílias que não possuem residência própria (28%), 20% moram no acampamento, e, por este motivo foram incluídos como residentes de Itaporanga D’Ajuda.

No que se refere ao grau de escolaridade os acampados possuem baixo nível de escolarização, de modo que 57% cursaram somente o nível fundamental incompleto (do 1º ao 6º ano). Desta forma, foram agrupados como alfabetizados, pois sabem apenas assinar seu nome, com leitura deficiente. Já os não alfabetizados (15%) são os sujeitos que nunca frequentaram a escola, e, portanto não conseguem escrever qualquer palavra (JUSTO; RUBIO, 2013). Vale ressaltar que as pessoas não alfabetizadas tiveram suas digitais postas no TCLE durante a aplicação das entrevistas.

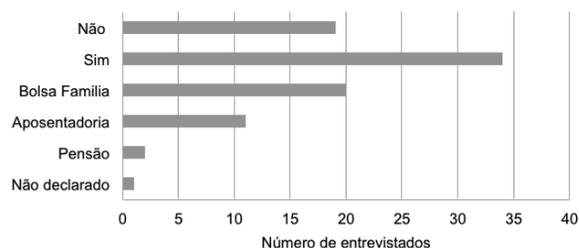
O baixo grau de escolaridade é uma característica comum das pessoas com baixa renda (LETELIER, 1999). Logo, esses sujeitos se caracterizam como agricultores/lavradores ou autônomos, pois não possuem profissão regularizada na carteira de trabalho, e por este motivo exercem atividades individuais que geram algum tipo de renda como: mariscagem, construção civil, diarista, camelô, marchante, motorista, entre outros.

Neste sentido, os acampados que se encontram empregados formalmente, trabalham em atividades com baixo rendimento mensal, não ultrapassando os dois salários mínimos, tais como: vigilância, serviços gerais, recepcionista, entre outros. Assim, 66% das pessoas declararam estar desempregadas, ou seja, sem vínculo empregatício formal, exercendo o chamado “bico” que é uma atividade típica temporária sempre caracterizada pela prestação de pequenos serviços (MATSUO, 2009).

Os trabalhadores que recebem algum benefício da previdência social como a aposentadoria por idade ou invalidez e pensionista por situação civil, se incluíram na categoria de desempregados, em virtude de não exercerem nenhuma atividade trabalhista. Neste sentido, grande parte dos acampados recebem algum tipo de auxílio do estado, incluindo as medidas compensatórias como a Bolsa família³.

³ O programa Bolsa Família criado pela Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004 e o Decreto nº 5.209, de 17 de setembro de 2004, visando combater a pobreza e promover a redistribuição de renda (SOBREIRO FILHO, 2011).

Figura 4 – Recebimento e/ou tipo de benefícios recebidos pelos acampados na fazenda São João/Itaporanga D’Ajuda-SE, 2015



Fonte: Dados da pesquisa.

Percebe-se, a partir da Figura 4 que, 34 (trinta e quatro) dos entrevistados declararam receber algum tipo de benefício do governo federal. Entre eles 20 (vinte) são o bolsa família, 11 (onze) aposentadoria por idade ou invalidez e 2 (dois) pensões por morte do cônjuge. Apenas 1(uma) pessoa não declarou qual o requisito para recebimento do benefício. Ainda, 19 (dezenove) pessoas disseram não fazer parte de nenhum programa social.

3.2 A CARACTERIZAÇÃO HÍBRIDA SOCIOESPACIAL DOS ACAMPADOS

Para se tornar acampado os sujeitos devem se cadastrar no Cadastro Único, também conhecido como *cad único*, posteriormente montar barraca e viver a maior parte do tempo no acampamento. Desta forma o INCRA reconhece o local como acampamento para fins de assentamento (INFORMAÇÃO VERBAL⁴, 2015).

O *cad único* é um instrumento de identificação e caracterização socioeconômica das famílias de baixa renda, ou seja, são famílias com renda igual ou inferior a meio salário mínimo por pessoa ou renda familiar mensal de até três salários mínimos (BRASIL, 2015).

O PNRA discorre que poderá ser assentado qualquer brasileiro nato ou naturalizado, que tenha mais de 18 anos de idade, com experiência em atividades agrícolas e que possua renda mensal de até três

salários mínimos (INCRA, 2014). O programa também estabelece critérios que excluem os sujeitos a serem assentados tais como:

1. For servidor público em qualquer esfera (federal, estadual ou municipal), incluindo seus cônjuges;
2. Agricultor com renda familiar superior a três salários mínimos que não seja de atividade rural;
3. Proprietário, sócio ou acionista de estabelecimento comercial e seus cônjuges;
4. Proprietários rurais com área maior que um módulo fiscal;
5. Portadores de deficiência física ou mental que impeça o desenvolvimento de atividades rurais;
6. Estrangeiros não naturalizados;
7. Aposentados por invalidez;
8. Condenados pela justiça com sentença definitiva;
9. Ex-beneficiários do Programa de Reforma Agrária e seus companheiros.

Essas medidas bloqueiam a esperança de alguns sujeitos para serem assentados, pois impossibilita o agricultor aposentado por idade com renda de até um salário mínimo, filhos de assentados e servidores públicos (mesmo que com renda inferior a três salários mínimos) de serem contemplados com um lote no assentamento. Deste modo, algumas pessoas tentam “burlar” a legislação, cadastrando outro membro da família junto ao INCRA como acampado, ou seja, existe uma dualidade de informações entre quem é o acampado legalmente e quem se mantém no acampamento de fato.

Dentro dos acampamentos é possível encontrar alguns sujeitos que ali permanecem, mas que não atendem aos critérios para se tornar assentado, e por este motivo cadastram no INCRA outro membro da sua família como requerente do assentamento. Assim, essas pessoas são rotuladas como Normistas, uma vez que são elas quem cumprem as normas do movimento no lugar de outras pessoas legalmente cadastradas junto a autarquia reguladora (INCRA). Reforça-se que, geralmente os normistas cumprem as regras que deveriam ser desenvolvidas por alguma outra pessoa que se encontra cadastrada como acampada no sistema do governo federal.

⁴ Grifo da entrevista realizada, durante o desenvolvimento do projeto de mestrado, com o ouvidor do INCRA do estado de Sergipe em 2015.

Nos três acampamentos estudados encontraram-se sete normistas que apresentaram as seguintes características: dois são aposentados por invalidez, um é funcionário público e um outro é ex-beneficiário de programa de reforma agrária. Ainda existem três normistas que permanecem acampados, enquanto outro membro da família (pai, filho ou cônjuge) trabalha na “cidade”.

As famílias acampadas ainda desenvolvem itinerários semanais das suas casas (geralmente na periferia da zona urbana) para os barracos na zona rural, o que tem mostrado um processo de “migração pendular intermunicipal” (HADDAD; VIEIRA, 2015), uma vez que a maioria dos acampados moram em municípios circunvizinhos aos acampamentos. Esse deslocamento semanal dos sujeitos advindos dos municípios que fazem parte da grande Aracaju para Itaporanga D’ Ajuda se dá pela fácil localização da fazenda São João, uma vez que a mesma se situa próxima à área central do município.

As funções desenvolvidas no acampamento (meio rural) diferem das suas no meio urbano, eis que no rural os sujeitos tendem a desenvolver atividades oriundas da condição de agricultor: plantar, colher, cuidar da terra, criar animais, entre outras. Entretanto, quando estão em suas casas o trabalho é essencialmente de atividades da indústria civil e comércio (GIRARDI, 2008).

Desta forma, o rodízio para ficar no acampamento pelo menos três dias, facilita a vida das famílias, pois possibilita a adequação do trabalhador urbano à realidade camponesa. Portanto, o acampado condiz com a categoria de “trabalhador pendular misto”, uma vez que as suas funções trabalhistas ora são desenvolvidas no meio urbano ora são no rural, provocando deslocamentos diários entre o campo-cidade (HADDAD; VIEIRA, 2015).

Embora a rotatividade das pessoas no local facilite a vida das famílias, uma vez que elas se mantêm no local nos finais de semana (sexta, sábado e domingo) período em que não estão trabalhando, os outros dias há o esvaziamento do local, ao passo que a maioria das barracas permanecem fechada das segundas às quintas-feiras.

Ainda de acordo com as famílias entrevistadas a maleabilidade de existir uma alternância entre os acampados no acampamento faz com que eles possam “fazer bicos” (prestação de serviço autônomo) nos dias da

semana em que não estão no acampamento, de forma que conseguem suprir as necessidades da base familiar. Em outras palavras a não obrigatoriedade de morar no acampamento possibilita a complementação da renda familiar, dos produtos da alimentação diária ou das obrigações civis (pagamento de pensão alimentícia) como destacado nos fragmentos transcritos:

Os dias que estamos aqui, estamos na plantação, mas se não trabalhar lá fora não tem mistura. (ACAMPADO 1, 2015).

As pessoas precisam sair pra conseguir o pão, o cultivo do acampamento é pouco. (ACAMPADO 2, 2015).

É um meio de vida também de consegui o dinheiro pra família, mas tem que correr muito pra dar conta das duas coisas: trabalhar e tirar as normas. (ACAMPADO 3, 2015).

Por outro lado o rodízio também assegura a existência de pessoas no acampamento, ao passo que o mesmo nunca fica completamente vazio. De acordo com um acampado: “[...] se não houvesse essa permanência, as pessoas não ficariam aqui” (ACAMPADO 4, 2015).

Logo, essa rotatividade de pessoas é uma das principais justificativas para vincular-se ao acampamento.

Geralmente os acampados são chamados por parentes e amigos para participar do movimento, movido fundamentalmente pela necessidade de conquistar um lote de terra para trabalhar (ALENTEJANO; SILVA, 2008). Se não vejamos:

Vim porque tinha vontade de trabaíá, sem condição de comprar terra, aproveitei a oportunidade. (ACAMPADO 5, 2015).

Pra consegui um pedaço de terra para cultivar, plantar para uma vida melhor. (ACAMPADO 6, 2015).

Sempre tive o interesse de tá na terra, [...] fui convidada por um vizinho. (ACAMPADO 7, 2015).

Estar no acampamento significa estar em um “campo de concentração” em que a resistência é testada diariamente, ao passo que os próprios acampados permanecem à espera da “terra prometida” (as-

sentamento) – fazendo alusão à passagem bíblica do êxodo no velho testamento (SOUZA et al., 2013).

Para alguns acampados o acampamento representa a possibilidade de voltar a viver no campo, pois o local tem como principal característica o sossego e a probabilidade de respirar o ar puro. Essas características são evidenciadas pelos acampados como justificativa para gostar de viver no acampamento, como podemos perceber nos fragmentos descritos abaixo:

Aqui me sinto sossegado, conquistei outra família (...) tive depressão e aqui foi minha terapia. (ACAMPADO 8, 2015).

Aqui é onde se busca paz e tranquilidade da natureza e resgata as raízes familiares, tirar o sustento da terra e mostra a sociedade que podemos comer alimentos sem agrotóxicos. (ACAMPADO 9, 2015).

Eu me sinto bem, tenho espaço ainda que pequeno pra cultivar. Esse lugar tem contribuído pra nossa saúde, agente fica tranquilo e nos faz bem. (ACAMPADO 10, 2015).

Desta forma a área de conflito diário com uso de foices, facões e armas entre os proprietários rurais e os acampados faz parte do imaginário popular. Pois, o processo de luta vem passando por transformações significativas, em que o principal desafio dos sujeitos acampados parece manter-se em coletividade e adequar-se as exigências do movimento.

No entanto, não excluímos os desafios e tumultos existentes no processo de luta pela terra, uma vez que é preciso ter perseverança para continuar acampado, haja vista que 97% (52 entrevistados) revelaram não ter pretensão de desistir da vida no acampamento, explicando que:

Estamos aqui com um objetivo... O foco é persistir até o almejado sonho. (ACAMPADO 11, 2015).

Não vou desistir porque no acampamento crio, planto. Não gosto da cidade, eu gosto é do campo. (ACAMPADO 12, 2015).

Penso em ganhar as terras, já me acostumei aqui. (ACAMPADO 13, 2015).

As pessoas não ponderam desistir da vida no acampamento, haja vista que já se acostumaram com

o lugar, e o foco é o acesso a terra. Embora, alguns acampados tenham alegado se sentirem desmotivados em algum momento a continuar na luta devido alguns conflitos internos e a demora para a liberação das terras, 85% deles relataram que não vão desistir da peleja pelo assentamento, como destacado na fala: “Já tive pensamento negativo, mas não vou desistir” (ACAMPADO 14, 2015).

Ademais, as falas mostraram que os acampados gostam de viver no acampamento, apresentando como pontos positivos os laços de amizade com os seus “vizinhos” (os outros acampados), a tranquilidade local e a possibilidade de acesso a terra. No entanto questões como a falta de energia, o calor, o espaço do terreno, a dificuldade de acesso à água, a má gestão das lideranças, os conflitos internos e entre outros fatores apareceram como características negativas.

Apesar dos problemas estruturais encontrados no local, os acampados revelam que a vida na “cidade” é muito pior, haja vista a falta de moradia digna, a violência, a falta de emprego, o estresse, a produção de alimento com agrotóxico, entre outros, são elementos fundamentais que fazem florescer a vontade de morar no campo. E, nesse sentido, a estadia no acampamento parece ser a única alternativa para o trabalhador assalariado pleitear o meio rural como habitat presente e futuro.

4 CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo descrever o processo de hibridização socioespacial desenvolvido pelos sujeitos acampados na fazenda São João em Itaporanga D’Ajuda-SE. Assim, a pesquisa empírica desenvolvida nos acampamentos Coluna Prestes, João Pedro Teixeira e Apolônio de Carvalho mostraram que os deslocamentos realizados pelas famílias, das suas casas para os barracos, semanalmente, representam uma conjectura de hibridização socioespacial dos sujeitos acampados, haja vista que os sujeitos acampados são também uma parte da população proletariada que reside na cidade, mas precisa incorporar a dualidade de função social: o direito a terra e o ser cidadão

urbano/rural, já que submeter-se a essa caracterização paralela é a única forma de manter-se na luta pela terra e na base provedora da família.

O estado transitório entre o campo/cidade ou vice-versa, faz com que o acesso a terra seja o resultado da luta desenvolvida pelas famílias acampadas, ao passo que o acampamento parece ser o pré-assentamento para os “agricultores urbanos”. Em diversos momentos as falas dos sujeitos enfatizaram que o acampamento se constitui em espaço da identidade coletiva. Pois, apesar dos conflitos internos a denominação dada aos “companheiros”, revelam os hábitos da tradição camponesa por meio da relação de parentesco e condição de vida simples, que instiga a perpetuação desses lugares.

A hibridação socioespacial revela novas formas de vida e a (re) significação do acampamento, baseada por vezes em relações de controle e de poder, o que pode ocasionar aos sujeitos acampados uma crise de identidade no que se refere a sua identificação social e a habitação. Neste sentido, existe a necessidade de se anunciar a condição de vida dos acampados, uma vez que a mesma revela a resistência humana não somente pela sobrevivência no acampamento, mas também na luta pelo reconhecimento social.

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P.; SILVA, T.L.A. Ocupações, Acampamentos e Assentamentos: O descompasso entre a luta pela terra e a política agrária do governo Lula. In: A. CANUTO *et al.* (Coord.). **Conflitos no campo – Brasil 2008**. CPT Nacional: Brasil. 2008.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E.M.B. *Snowball* (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em Educação Ambiental comunitária. X congresso Nacional de Educação-EDUCERE; I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação-SIRSSE. **Anais...** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 2006.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Cadastro único**. 2015. Disponível em: <<https://mds.gov.br/assuntos/cadastro-unico>>. Acesso em: 27 mar. 2015.

GOIS, D.V. (Org.). **Localização da área de estudo**: Itaporanga D’Ajuda- Sergipe/ 2016. Fonte: SRH 2014, Datum horizontal: SIRGAS 2000. Zona 24 Sul. Projeção Universal Transversa de Mercator, 2016.

GIRARDI, E.P. **O rural e o urbano**: é possível uma tipologia? São Paulo: Presidente Prudente, 2008.

HADDAD, E.A.; VIEIRA, R.S. **Mobilidade, acessibilidade e produtividade**: nota sobre a valoração econômica do tempo de viagem na Região Metropolitana de São Paulo. Núcleo de Economia Regional e Urbana da Universidade de São Paulo. São Paulo: NEREUS, 2015.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **O que são acampamentos rurais**. 2014. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/acampamento>>. Acesso em: 27 maio 2015.

JUSTO, M.A.P.S.; RUBIO, J.A.S. Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social. **Rev. Eletr. Saberes da Educação**, São Roque, v.4, n.1, 2013. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Marcia.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2015.

LETELIER, G.M.E. Escolaridade e inserção no mercado de trabalho. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n.107, p.133-148, julho 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a05.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

MATSUO, M. **Trabalho informal e desemprego**: desigualdades sociais. 2009. 371f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SERGIPE. Secretaria de Estado do Planejamento e da Ciência e Tecnologia. Superintendência de Recursos

Hídricos. **Enquadramento dos cursos d'água de Sergipe de acordo com a resolução CONAMA Nº 20/86.** Aracaju: SEPLANTEC, 2002. 1 CD-ROM.

SOBREIRO FILHO, J. Ocupações de Terra no Brasil (1988-2010): Uma leitura Geográfica e a conjuntura política da Luta Pela Terra. **Rev. Geographos Giecryal**, Alicante, v.2, n.14, 2011.

SOUSA, L.L. O processo de hibridação cultural: prós e contras. **Temática**, João Pessoa, v.9, n.3, março, 2012.

SOUZA, V.F. *et al.* Terra e política em assentamentos rurais de São Paulo. **Anais SOBER 2013.** Disponível em: <www.sober.org.br/palestra/12/110487.pdf>. Acesso em: 26 out. 2015.

SOUZA, L.B. Hibridação: Um conceito e vários discursos. **Áskesis**, São Carlos, v.3, n.1, p.136-158, 2014.

TILLQUIST, Y. **Léxico de origem africana em português e espanhol:** registros lexicográficos de quilombo no Brasil e na região do Prata. 2013. 63f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Estocolmo, Estocolmo, 2013.

1 Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/UFS. Email: haianepessoa@yahoo.com.br

2 Professora associada do Departamento de Educação – UFS; Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente; Mestre em Educação – UFS; Doutora em Educação – UFRN. Email: marjonaso@ufs.br

3 Professora associada I do Departamento de Geografia – UFS; Coordenadora PIBID-Geografia – UFS; Mestre e Doutora em Geografia – UFS. Email: nubiadi@ig.com.br

Recebido em: 10 de Janeiro de 2017
Avaliado em: 26 de Janeiro de 2017
Aceito em: 28 de Janeiro de 2017
